

## 5 Considerações

“Um estranho fato sobre cherokees, choctaws e creeks é nossa ancestralidade escocesa”  
Jimmie Durham<sup>1</sup>

Durante a elaboração desta dissertação de mestrado, eclodiu uma polêmica nos EUA sobre Jimmie Durham. Uma primeira e grande retrospectiva de seu trabalho apresentada naquele país gerou críticas e protestos da comunidade cherokee.

*Jimmie Durham: At the Center of the World*<sup>2</sup>, com curadoria de Anne Ellegood, trouxe ao público uma seleção de mais de 150 obras, produzidas desde os anos 70 até obras recentes. A exposição inaugurou em janeiro de 2017 no Hammer Museum, em Los Angeles. Nos meses seguintes, foi apresentada também no Walker Art Center em Minneapolis, no Whitney Museum em Nova York, e terminará sua itinerância em agosto de 2018 no Remai Modern em Saskatoon, Canadá.

Durham resistiu por muito tempo à ideia de montar uma retrospectiva nos EUA por não querer ser considerado produto daquela Nação. Ausente de tal circuito desde que se mudara para o México em 1987, sua obra foi finalmente apresentada ao público estadunidense após 8 anos de negociações entre a curadora e o artista. Com humor irreverente, o conjunto de trabalhos confronta a carregada história estadunidense e a complexa relação de Durham com sua identidade nativa, tanto com a parte cherokee como com a parte americana.<sup>3</sup>

“Sou um artista contemporâneo de sangue puro, do subgrupo (ou clã) chamado escultores. Não sou um índio americano, e nunca vi ou jurei lealdade à Índia. Não sou um ‘americano nativo’ nem sinto que a ‘América’ tenha qualquer direito de me nomear ou desnomear.”<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> DURHAM, J., *The Usual Song & Dance Routine with a Few Minor Interruptions*, p.13. Tradução minha.

<sup>2</sup> *Jimmie Durham: No centro do mundo*. Tradução minha.

<sup>3</sup> GRIFFIN, J., *Art in America*. Disponível em: <<http://www.artinamericanmagazine.com/news-features/magazines/elements-from-the-actual-world/>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

<sup>4</sup> Ibid.



Jimmie Durham, *Stoning the Refrigerator*, 1996. Foto: Maria Thereza Alves

Apesar de sua obra enfatizar esta ideia fluida de identidade contra todas as autenticidades, o artista foi alvo de protesto da comunidade cherokee. Jimmie Durham foi acusado de não ser um verdadeiro cherokee e de explorar tal cultura para benefício próprio.

“Sou acusado, constantemente, de fazer arte sobre minha identidade. Nunca o fiz. Faço arte sobre a identidade do colonizador quando faço arte política. Não é sobre minha identidade, é sobre a identidade d’s american’s”<sup>5</sup>.

Fato é que Jimmie Durham não tem registro oficial como cherokee. A partir de 1990, quando ele já havia deixado seu cargo no American Indian Movement e já tinha se auto-exilado, tornou-se ilegal para alguém não registrad’ declarar-se indígena nos EUA. Vender arte ou artesanato indígena sem o registro tribal oficial pode até dar cadeia. Durham já vivia em Cuernavaca, no México, quando esta nova lei surgiu, e ele não quis se registrar. Muitas pessoas também não, por vários motivos diferentes como falta de documentos de comprovação. Durham, porém, se recusou por princípios. Ele afirmou, em carta aberta, que “autenticidade é um

<sup>5</sup> Ibid.

conceito racista que funciona para nos manter fechad's em ‘nossa mundo’ (no nosso lugar) para o conforto de uma sociedade dominante”<sup>6</sup>.

As críticas contra Durham surgiram primeiro em uma carta assinada por artistas, curador's e líderes da comunidade cherokee, logo após a abertura da exposição em Minneapolis. O texto problematiza o fato de que a retrospectiva, ‘s crític's de arte, ‘s funcionários dos museus e acadêmic's estariam fazendo falsas afirmações ao dizerem que Durham é um artista cherokee: “Estas declarações falsas são danosas por representarem equivocadamente os povos nativos, por prejudicarem a soberania tribal, e por trivializarem trabalhos importantes de artistas e líderes culturais que são indígenas legítim's.”<sup>7</sup>

Apesar do artista declarar não ser cherokee, instituições frequentemente o apresentam como um artista indígena. E ele é, de longe, o nome mais mencionado quando o assunto é arte cherokee<sup>8</sup>. O problema então não é só a auto-denominação do artista, mas como autor's e instituições o definem. Além disso, a comunidade cherokee enfatiza na carta pública que não se registrar não foi apenas uma decisão dele, uma vez que ele nem se qualificaria para registro pois sua árvore genealógica falha em comprovar sua suposta ascendência<sup>9</sup>.

A obra de Durham é geralmente uma bem-humorada crítica ao pensamento ocidental. Primeiro começou como uma crítica aos EUA e ao processo histórico de colonização, e depois de seu exílio na Europa passou a ser uma crítica à arquitetura, onde tal pensamento tem suas raízes. Ele nunca procurou validar sua obra como cherokee ou tentou provar sua ancestralidade perante autoridade nenhuma. Pelo contrário, ele sempre afirmou preferir que sua obra fosse lida independentemente de rótulos identitários limitantes. O crítico de arte e curador inglês Jonathan Griffin publicou uma tréplica onde aponta que a origem indígena dos elementos visuais empregados por Durham estariam ali apenas para fazer com que ele reconheça seu próprio olhar de homem branco:

---

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> ICMN GUEST EDITORIAL, *Indian Country Today*. Disponível em: <<https://indiancountrymedianetwork.com/news/opinions/dear-unsuspecting-public-jimmie-durham-trickster/>>. Acesso em 24 jan. 2018.

<sup>8</sup> FAAZINE, *First American Art Magazine*. Disponível em: <<http://firstamericanartmagazine.com/facts-resources-jimmie-durham/>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

<sup>9</sup> ICMN GUEST EDITORIAL, op. cit.

“Quando Durham utiliza motivos indígenas românticos e estereotipados, ele está abertamente criticando os sistemas de preconceito e ignorância que os produzem. Tais motivos são trapos em um corpo de trabalho fundamentalmente preocupado com a questão de autenticidade. Ao olhar para a arte de Durham, eu – enquanto espectador branco europeu – apreendo tais motivos em seu trabalho como de ‘índios’ um instante antes de constatar que estou sendo caçado, e que sou culpado pela própria fetichização à qual o artista aponta.”<sup>10</sup>

Durham não fez comentários públicos a respeito da polêmica. Já Anne Ellegood, curadora da exposição, declarou que a retrospectiva foi baseada na opinião de que Durham é um dos mais importantes artistas estadunidenses de sua geração, e que em momento algum houve a intenção de apresentar o artista exclusivamente como um artista indígena, até porque o próprio artista se opõe a tal tipo de categorização. De acordo com ela, “ele não ‘representa’ a cultura indígena em seus trabalhos, e sim investiga como a cultura e a história indígena americana foram mal-representadas por outros.”<sup>11</sup> Além de ser ideologicamente contra a ideia de representar qualquer tipo de coisa, Durham já havia afirmado anteriormente: “Eu não sou um ‘artista indígena’, de forma alguma. Sou cherokee mas meu trabalho é simplesmente arte contemporânea. Meu trabalho não fala por, sobre, ou até mesmo para os povos indígenas”<sup>12</sup>. Ellegood comenta ainda que a obra dele é enraizada no campo da arte contemporânea, e que avaliar o trabalho do artista exclusivamente pela perspectiva dos discursos de arte indígena pode provocar desentendimentos a respeito das intenções e operações intrínsecas aos trabalhos. Quanto à ancestralidade do artista, a curadora aponta para as várias indefinições em sua árvore genealógica, o que permite muitas conclusões diferentes.

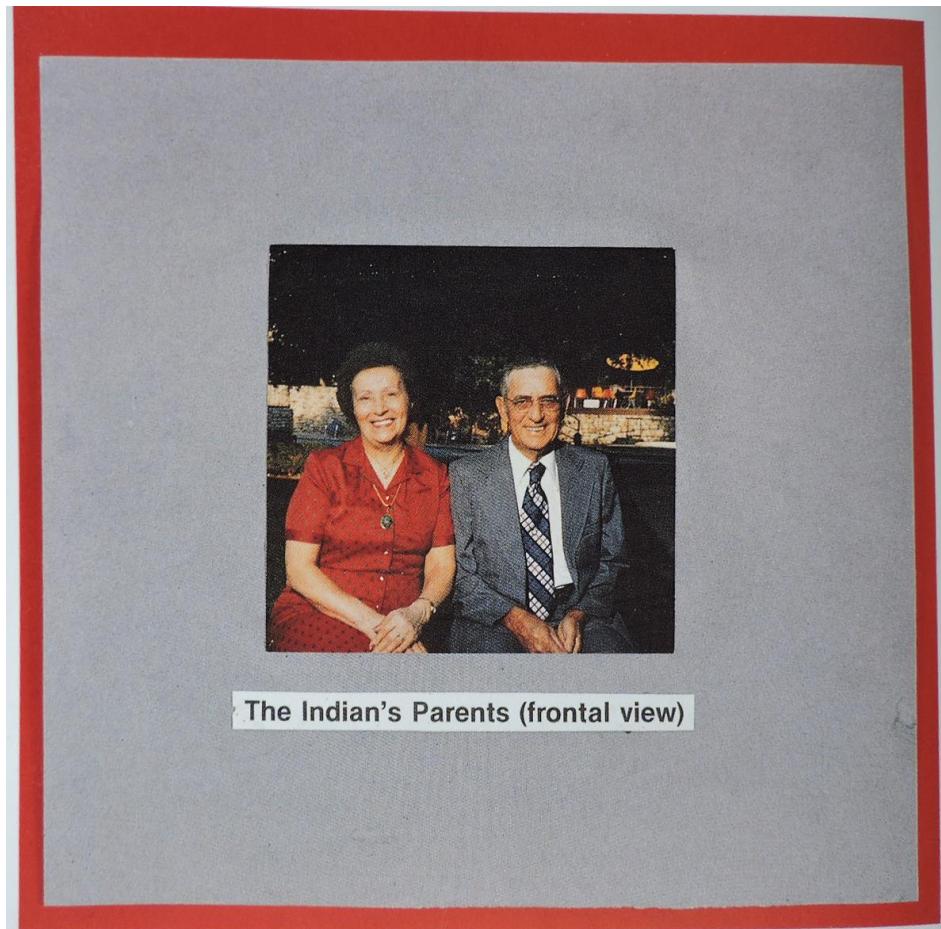
“Se Durham foi criado acreditando que a ancestralidade cherokee fazia parte de sua história familiar, apesar da falta de registro oficial – como ele foi –, a questão é se ele tem algum direito de ter tal subjetividade. ‘S detractor’s de Durham explicitaram a opinião del’s: não tem. Obviamente, Durham discorda. E ele não está sozinho. Historicamente, uma posição que considera a autodeterminação individual tem sido apoiada também...”<sup>13</sup>

<sup>10</sup> GRIFFIN, J., *Art in America*. Disponível em: <<http://www.artinamericamagazine.com/news-features/magazines/issues-commentary-jonathan-griffin-responds/>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

<sup>11</sup> ELLEGOOD, A., *Artnet*. Disponível em: <<https://news.artnet.com/opinion/anne-ellegood-jimmie-durham-1033907>>. Acesso em: 24 jan. 2018. Tradução minha.

<sup>12</sup> Ibid. Apud. CEMBALEST, R., ARTnews, Set. 1991. Tradução minha.

<sup>13</sup> ELLEGOOD, A., op. cit. Tradução minha,



Jimmie Durham, *The Indian's Family*, 1985

A exposição seguiu aberta e viajou conforme o programado. Como as obras não estavam à venda, ela não poderia ser considerada ilegal. Os líderes cherokees conseguiram negociar, em reuniões com a curadoria e com o museu, a inclusão de notas de esclarecimento com aviso de que a ancestralidade indígena de Jimmie Durham não é reconhecida pela comunidade.<sup>14</sup>

Os cherokees lutaram muito pelo necessário direito de se autodeterminarem, é compreensível que queiram fazer valer suas regras. De qualquer forma, um artista como Durham abre mão do maniqueísmo de ser ou não ser e opta pela liberdade da indefinição, por uma abertura à transformação contínua:

<sup>14</sup> BOUCHER, B., *Artnet*. Disponível em: <<https://news.artnet.com/art-world/choke-curators-artists-jimmie-durham-choke-1007336>>. Acesso em 24 jan. 2018.

“Ser influenciado é mudar, e eu adoro a energia da mudança (...) Eu quero participar, e quando alguém participa, se transforma. (...) Um dos fenômenos mais libertadores de hoje é a compreensão de que arte pode ser feita de absolutamente qualquer coisa, se o artista for suficientemente sério. Seu eu colocar estas três coisas juntas como um kit: necessidade de mudança, arte como trabalho intelectual e o fato de que arte pode ser feita de qualquer coisa, talvez eu esteja no caminho de me tornar um ‘sem pátria’.”<sup>15</sup>

A liberdade artística frequentemente confronta as expectativas de alinhamento ideológico de pertencimento à esta ou aquela nação. Um olhar crítico com suficiente distanciamento para alcançar uma perspectiva em paralaxe requer um descolamento da origem. Um certo desterro parece necessário para que se produza um discurso livre. Voltamos aqui ao ponto de partida deste texto, à figura do órfão sem lar. Esta polêmica vem para esclarecer e comprovar que este desejo do artista é também o reconhecimento de sua falta de lugar. Como a própria comunidade afirmou, nem se ele quisesse ele poderia fazer parte ali, ele não é suficientemente índio. Já a Nação Estadunidense tem para ele apenas um lugar minoritário, ele também não é branco o suficiente. O não-pertencimento é uma condição, tornar-se um órfão sem lar é uma necessidade e não um capricho poético.

A eclosão desta polêmica durante a elaboração desta pesquisa provocou uma série de questionamentos, principalmente em relação à própria noção de autenticidade. Encontrei na própria escrita de Durham uma forma de lidar com tal questão. Para ler sua obra, é preciso abrir mão da Verdade, da crença, inclusive no próprio artista.

Independentemente de sua composição sanguínea, a obra de Durham apresenta uma abertura para outra cosmovisão, e nos permite visualizar o nosso modo de ser e de ver a partir de uma perspectiva externa. Acredito ser possível para qualquer pessoa, independente da genética, experimentar o mundo de outra forma. A cosmovisão ocidental é imposta a tantos povos, afinal. O que se necessita é uma abertura sincera para desconstruir os valores hegemônicos onde se baseiam as práticas da expropriação, da acumulação capitalista, da tortura, da dominação. Silviano Santiago afirmou que essa espécie de “infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem” no pensamento ocidental, fruto da sociedade mestiça que contamina misturando o elemento europeu e o autóctone, seria a

---

<sup>15</sup> DURHAM, J., *ARTE!Brasileiros*, p.28.

“abertura do único caminho possível que poderia levar à descolonização”.<sup>16</sup> Mas o “pensamento selvagem” é sofisticado, não deve ser visto como primitivo ou inferior. Para Durham, primitivas são as línguas europeias. O caminho para a descolonização passa por uma desocidentalização.

A obra de Jimmie Durham faz com que eu perceba a mim mesma. Produz uma reflexão incomum, incômoda, à primeira vista distorcida, porém real. Ela mostra tanto meu lugar de periférica na cultura ocidental – já que o Brasil não é considerado Ocidente pelos países desenvolvidos – como o de agente do processo colonial interno, ainda operante – já que sou branca, bisneta de imigrantes proletári’s, mas ainda assim privilegiada. Pedradas.

Sua obra faz pensar em tantos outros órfãos sem pátria, em comunidades deslocadas de seus territórios. Sua prática artística começa deste trauma, mas não se fixa numa poética de deslocamento. Durham se engaja nos lugares em que está, se torna um participante ativo do local, da situação onde se encontra, sempre se mantendo fiel a si mesmo, a seu modo de ser e de pensar. Sua prática traz à tona outras formas de ver o mundo, outra ontologia, outros sons e outras histórias. Ao garantir seu lugar na arte contemporânea mundial, Durham nos mostra que é possível borrar os limites identitários, e que os valores nacionais só interessam a’s don’s do poder. Ao invés do preto e branco do “ser” ou “não ser”, podemos optar pela miríade de cores e cinzas na imprecisão do “parecer”. Seu discurso é de liberdade e de igualdade entre human’s e entre espécies. Ao olhar dentro das pedras-espelho de Durham, vemos nossa normalidade distorcida e todo uma outra existência, um outro mundo possível.

---

<sup>16</sup> SANTIAGO, S., *Uma literatura nos trópicos*, p.15.



Jimmie Durham em seu ateliê, Nápoles, dezembro de 2017. Foto: Ícaro Lira